

“Desterro”, “Exílio Dourado”, “Esquecimento”: a experiência do ostracismo de dois intelectuais paraguaios em primeira pessoa (1950-1965)

Marcela Cristina Quinteros¹

Resumo: Após o golpe de Estado de 29/01/1949 no Paraguai, o presidente deposto, Juan Natalicio González, e um de seus ministros, Víctor Morínigo, partiram para o exílio e mantiveram sua amizade pessoal, intelectual e política por meio do contato epistolar. Ao longo dos quinze anos de trocas periódicas de missivas, ambos os intelectuais expuseram suas posições e sentimentos em relação ao exílio e à cena política paraguaia. O exame dessa correspondência permitiu distinguir suas posições em relação a três momentos na vida de ambos (desterro/exílio dourado/esquecimento), a partir dos quais foi possível constatar uma velha prática da violência política no Paraguai, pela qual exilados políticos podiam ser nomeados representantes diplomáticos do Estado que os tinha expulsado. Esta forma de “exílio” – que não se ajusta estritamente ao sentido clássico do termo – foi sistematicamente aplicada durante a primeira década do *stronismo* e permitia manter os adversários “tolerados” longe das fronteiras nacionais, mas, ao mesmo tempo, garantia seu silêncio. Através da análise da correspondência entre os dois intelectuais, pretende-se identificar o processo mediante o qual ambos se inseriram no chamado “exílio dourado”, as consequências políticas para eles depois de prolongados períodos fora do Paraguai e os mecanismos utilizados pelo governo paraguaio para manter ditos adversários longe do país.

Palavras-chave: Exílio Dourado; Juan Natalicio González; Víctor Morínigo; *Stronismo*

“Exile”, “Golden Exile”, “Forgetfulness”: Experience of ostracism of two Paraguayan intellectuals written in the first person (1950-1965)

Abstract: After the Paraguayan coup d’état of 29/01/1949, the deposed president, Juan Natalicio González, and one of his ministers, Víctor Morínigo, went in exile. They maintained their friendship through their correspondence. In the fifteen years of correspondence by letters, the two intellectuals put into writing their political stances and feelings on exile and the contemporary Paraguayan political scene. This correspondence revealed their position on three highly relevant moments in their lives (exile/golden exile/forgetfulness) and which brought to the fore the old practice of political violence in Paraguay by which political exiles could be appointed diplomatic representatives of the very country that exiled them. Such an exile – very different from the classical meaning of the term – was systematically applied during the first decade of ‘stronism’ and maintained ‘tolerated’ political enemies silent and distant from the country. An analysis of the correspondence between the two intellectual identified the process through which both inserted themselves within the ‘golden exile’, their political

¹ Pós-doutoranda em História na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Brasil, bolsista CAPES. Contato:marcelacristinaquinteros@gmail.com



aftermath after long periods outside the country and the mechanisms by the Paraguayan administration to keep off its enemies out of the country.

Keywords: Golden exile; Juan Natalicio González; Víctor Morínigo; ‘Stronism’.

Artigo recebido em: 31/12/2017

Artigo aprovado para publicação em: 09/05/2018

Introdução

Em janeiro de 1949, dois intelectuais paraguaios foram obrigados a abandonar o Paraguai após um longo percurso político que tinha conduzido um deles, Juan Natalicio González (1897-1966), à presidência de seu país e, o outro, Víctor Morínigo (1898-1981), a ocupar um de seus ministérios. Ambos eram filiados à Associação Nacional Republicana (ANR), mais conhecida como Partido Colorado, e representavam o setor mais conservador e autoritário, o *Guión Rojo*.

A maior ambição política de González – a de guiar os destinos da nação – viu-se abortada pelo golpe de Estado de 29/01/1949, sem conseguir completar o meio ano de governo, para o beneplácito e sarcasmo de seus adversários, tanto partidários quanto extrapartidários. O líder da linha “democrata” da ANR, Federico Chaves, assumiu a presidência do Paraguai dois meses após a queda dos *guiones*, mantendo-se no poder até o golpe que o derrubou em 1954, e que deu início à ditadura do general Alfredo Stroessner. Morínigo e González partiram para o exílio, voltando ao Paraguai ocasionalmente, por poucos dias, para cumprir alguma atividade administrativa e/ou familiar. O recorte temporal (1950-1965) deste artigo obedece ao período em que os dois amigos mantiveram um intenso contato epistolar, coincidente com o início do exílio e o falecimento de González.

Juan Natalicio González, nascido no interior, na cidade de Villarrica, era membro de uma família colorada. Tendo ficado órfão aos 17 anos, partiu para a capital. Polissêmico, percorreu praticamente todas as atividades do espectro intelectual – jornalismo, escrita, edição – ao mesmo tempo em que se deslocava de Assunção para as principais mecas dos escritores latino-americanos, Buenos Aires, Paris, México. Como político, além de diferentes cargos partidários, desempenhou as funções de deputado, ministro, presidente e embaixador.



González concentrou seus esforços em divulgar o revisionismo histórico paraguaio fora do país, ao mesmo tempo em que projetava sua própria figura como uma referência intelectual do Paraguai. Tanto para um como para outro objetivo, contou com o auxílio de Morínigo e teve um relativo sucesso – em grande medida, devido à participação dos dois em diversas redes intelectuais latino-americanas, cujos membros contribuíram para a consolidação dessa interpretação da história do Paraguai em nível continental (MOREIRA; QUINTEROS, 2016a).

A reescrita da história no Paraguai – que tem um papel fundamental na vida política do país e na construção de uma identidade nacional – começou na virada do século XIX para o XX, consolidando-se após o triunfo paraguaio na Guerra do Chaco (1932-1935) e convertendo-se em história oficial durante o *stronismo* (1954-1989). O objetivo era revisar a história escrita no final do Oitocentos, defendida principalmente pelos liberais do Paraguai e da Argentina e que afirmava que o país, desde sua independência até o fim da Guerra contra a Tríplice Aliança (1865-1870), tinha sido mantido em total isolamento, favorecendo seu “atraso” em todos os aspectos. A responsabilidade era atribuída aos governos de Rodríguez Francia, Carlos López (pai) e Solano López (filho). Com a Constituição liberal de 1870 – redigida sob a ocupação dos aliados – o Paraguai teria tido a possibilidade de reorientar seu percurso para o “progresso”.

Sobre a base de alguns mitos construídos nessa virada de século, a principal referência do revisionismo paraguaio, Juan O’Leary, reuniu diversos argumentos que refutavam cada uma das afirmações da historiografia liberal oitocentista. Assim, os governos de Francia e dos López foram identificados como a “época de ouro”, em que o Paraguai teria atingido alto grau de desenvolvimento econômico, social e educacional. A Guerra *Guasu* – denominação em guarani da Guerra contra a Tríplice Aliança –, apesar da derrota, teria demonstrado a coragem da “raça paraguaia” (sintetizada nas figuras do soldado, da mulher e, principalmente, de seu líder e herói, Solano López) que lutou até a morte. A coragem, elemento “inato” do povo paraguaio, teria surgido da mistura harmoniosa entre o espanhol e o guarani.

A exaltação destes elementos do revisionismo teve papel fundamental para a consolidação do nacionalismo durante a guerra contra a Bolívia na década de 1930. O patriotismo devia ser demonstrado na entrega, na lealdade e na luta pelo país contra esse



inimigo externo. Mas, após a Segunda Guerra Mundial, este argumento foi reelaborado para distinguir os “verdadeiros” paraguaios dos inimigos internos – traidores ou “antiparaguaios”, identificados com os genericamente chamados “comunistas”, categoria que incluía um sem-fim de adversários políticos do governo no poder, incluído o de González (MOREIRA, 2010).

Tanto Juan Natalicio González quanto Víctor Morínigo participaram ativamente na estigmatização dos chamados antiparaguaios enquanto foram ministros durante a ditadura de Higinio Morínigo.² Tal estigmatização, apoiada na releitura da história, legitimou a feroz repressão das forças rebeldes na guerra civil de 1947.³ O triunfo do governo garantiu a González ser candidato a presidente pelo coloradismo e ser eleito em 1948.

González, como político, foi um sujeito camaleônico que adaptou seu discurso de acordo às necessidades de cada momento. Assim, sua figura foi – e ainda é – polêmica, o que se traduziu na conquista de amigos e inimigos, sem matizes. Enquanto os primeiros o resgataram como o defensor da “verdadeira” história do Paraguai, os segundos o estereotiparam como “fascista” (QUINTEROS, 2016).

Após 1949, a ambição de poder de González tinha se desvanecido rápida e definitivamente de sua vida, condenado ao ostracismo no México. Durante seus últimos quinze anos de vida, ele lutou denodadamente contra o esquecimento. Ciente de sua exclusão da vida política nacional, dedicou-se essencialmente a escrever para deixar seu nome gravado como um dos principais representantes da cultura paraguaia e para

² O general Higinio Morínigo se manteve no poder durante 8 anos (1940-1948), mas atravessou várias turbulências, principalmente após 1945, quando tanto as pressões internas quanto dos EUA reclamavam por uma abertura democrática. Diante disso, Higinio Morínigo apresentou um plano gradual de democratização, chamando integrantes dos partidos Liberal e Colorado para formarem parte de seu gabinete. Porém, após alguns meses, o setor dos *guiones* acabou hegemonizando os cargos ministeriais, sendo González responsável pelo Ministério da Fazenda e Víctor Morínigo, do Interior.

³ O Paraguai atravessou por várias guerras civis durante a primeira metade do século XX. A de 1947 foi a mais longa e violenta, com uma sangria econômica e social que superava amplamente todos os conflitos anteriores somados. A rebelião contra a ditadura de Higinio Morínigo contava com o apoio de liberais, comunistas, franquistas – partidários do ex-presidente Rafael Franco – e boa parte das forças armadas. Porém, contra toda previsão e após mais de um ano de confrontos, o governo triunfou graças à eficiente ação de seus ministros González e Víctor Morínigo que armaram e adestraram os camponeses (*pynandis* ou pés descalços), formando uma numerosa força paramilitar; e à propaganda radiofônica que, estabelecendo um paralelo com a Guerra da Tríplice Aliança, identificou os rebeldes como uma tríplice aliança antiparaguaia. A participação dos comunistas nas forças rebeldes, no começo da Guerra Fria, garantiu o apoio dos EUA ao *moriniguismo*. Assim, a defesa do governo surgia como um ato patriótico perante os grupos da oposição, identificados como exógenos (GÓMEZ FLORENTÍN, 2013; MOREIRA; QUINTEROS, 2016b).

denunciar o golpe que o tinha expulsado do país. Uma das poucas pessoas – se não foi a única – em que confiava e lhe mantinha informado do que acontecia no Paraguai era seu amigo Víctor.

A cumplicidade entre ambos foi manifestada em várias oportunidades, principalmente no que se refere à afinidade intelectual – a ponto de seus amigos, mesmo os mais próximos, terem dificuldade em reconhecer a autoria de alguns textos ou documentos partidários.⁴

Víctor Morínigo, nascido no seio de uma família liberal, tinha desistido da carreira militar, após um breve período na Escola Naval uruguaia, para se dedicar ao jornalismo e à ensaística.⁵ Foi quando conheceu González em Buenos Aires, no início da década de 1920, ao se conhecerem no jornalismo portenho (GONZÁLEZ Y CONTRERAS, 1951, p. 104). Entusiasmado com seus ideais, Morínigo incorporou-se ao Partido Colorado para “trabalharem juntos num empreendimento cultural, político e social que compartilharão sem trégua nem pausas ao longo de suas vidas” (VALIENTE *apud* MORÍNIGO, 2004, p. V). A partir daquele momento, a colaboração intelectual e política entre ambos foi estreita e contínua.

González tinha uma preocupação especial pela preservação de documentos. Já Morínigo chegou a expressar certa dificuldade em conservar sua documentação e, em algumas ocasiões, delegou essa responsabilidade ao amigo, enviando-lhe parte de seu arquivo pessoal.⁶ No entanto, os percalços pelos quais atravessou o arquivo de González impediram sua conservação e só restaram alguns fragmentos – preservados pela

⁴ São frequentes as afirmações como a de González: “Não há um limite preciso que possa separar o que pertence a Víctor Morínigo ou o que me pertence na formulação do pensamento colorado” (GONZÁLEZ, 1982, p. 32). A tradução destes e dos demais textos em espanhol para o português é de minha autoria. Ver também: MORÍNIGO, 2004, p. III; Carta de Juan Natalicio González (JNG) a Víctor Morínigo (VM), de 14/09/1957. In: Arquivo Nacional de Assunção (ANA). Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3.

⁵ Segundo Raúl Amaral, as circunstâncias foram favoráveis a Víctor Morínigo durante sua juventude, na medida em que estava vinculado com a elite política assuncena por relações de parentesco: era neto de Marcos Morínigo (vice-presidente do país), sobrinho de Juan Stefanich (principal referência da Liga Nacional Independente, uma associação nacionalista) e afilhado de Manuel Gondra (presidente do Paraguai em duas ocasiões). Porém, o destino o levou pelos caminhos da política, “ninfá implacável e até trágica”, e do jornalismo (AMARAL *apud* MORÍNIGO, 2004, p. 357).

⁶ Segundo Marcial Valiente, a biblioteca-arquivo de Morínigo foi saqueada em três oportunidades: durante a presidência de Chaves, em Assunção; pela *Gendarmeria* argentina, enquanto estava refugiado em Clorinda; e durante o *stronismo*, em Assunção (VALIENTE *apud* MORÍNIGO, 2004, p. I). Tanto o sequestro de documentação por parte da *Gendarmeria* argentina como a entrega de material a González foram confirmadas por Morínigo nas cartas endereçadas para o amigo residente no México.



Universidade de Kansas e digitalizados pelo Arquivo Nacional de Assunção –, entre os quais se encontram as cartas aqui analisadas.⁷ Emparentado

O epistolário é um tipo de fonte que permite resgatar a percepção que o próprio intelectual tinha de si, quais eram suas principais preocupações e quais suas projeções para o futuro. A historiadora Ângela de Castro Gomes teceu considerações importantes sobre o uso das cartas como fonte/objeto da escrita de si, já que elas definem “um lugar de sociabilidade fundamental e revelador da dinâmica do campo cultural de um dado período” (GOMES, 2004, p. 52).

A autora chama a atenção para o fato de que as cartas, assim como os diários e as memórias, são textos íntimos; no entanto, as cartas se diferenciam dos outros textos porque “o que é escrito só pode ser apreendido em função de um ‘outro’”, que é quem recebe e se torna seu proprietário (GOMES, 2004, p. 53). Além disso, Gomes alerta que há diferentes tipos de missivas que dependem do relacionamento do autor com o destinatário e cada uma delas permite mostrar o “lugar social” de quem escreve, ou seja, a posição que ocupa no campo intelectual e político.

Gomes identifica, basicamente, dois tipos de correspondências: as que servem como instrumento de construção de redes e as que expressam, mesmo dentro do campo intelectual, relações de amizade; estas últimas, de caráter mais informal, são importantes porque evocam sentimentos, além da troca de ideias e favores (GOMES, 2004, p. 54). É dentro desta última categoria que podemos situar as missivas entre Morínigo e González: dois amigos íntimos que se correspondiam em um período difícil de suas vidas: o exílio. Nessas circunstâncias, o apelo emocional é muito maior e, portanto, mais visível.

⁷ Segundo o testemunho dos amigos mais próximos (Víctor Morínigo, Washington Ashwell, Efraín Enríquez Gamón), antes de sua morte, no México, o projeto de González era organizar sua biblioteca e seu arquivo pessoal para levá-lo consigo em seu regresso ao Paraguai em 1966. No entanto, faleceu de ataque cardíaco poucas horas antes de embarcar para Assunção. O material, que já tinha sido encaixotado, desapareceu. Alguns textos inéditos foram recuperados e publicados, como é o caso de suas memórias, sob o título *Vida y Pasión de una ideología* (resgatado por Víctor Morínigo). Segundo Ashwell, as caixas foram vendidas como papel, por peso, a diferentes sebos no México. A declaração confere com os registros da biblioteca da Universidade de Kansas que adquiriu dois lotes do arquivo de González provenientes de um sebo da Carolina do Norte. Nessa documentação, catalogada sob a denominação *Natalicio Gonzalez Collection*, encontra-se parte da correspondência entre ele e Víctor Morínigo, intercambiada entre 1950 e 1965. Ver: ENRÍQUEZ GAMÓN (1982, p. 45); Entrevista com Efraín Enríquez Gamón (2015); Entrevista com Washington Ashwell (2012); GONZÁLEZ (1982).

A experiência do exílio foi muito importante na vida dos dois intelectuais. Não foi o primeiro exílio, mas desta vez acontecia numa fase da vida em que González e Morínigo eram dois indivíduos de meia idade e que já tinham ocupado os principais cargos partidários e governamentais. Sentiam-se despossuídos de suas principais conquistas, obtidas após um longo percurso, interpretando o fenômeno como uma grande injustiça articulada tanto por adversários paraguaios quanto por inimigos regionais.⁸ Embora eles não o soubessem no começo, seria o último exílio, além do mais longo. A expectativa de voltar ao Paraguai esteve sempre presente; porém, González faleceu no México, enquanto Morínigo morreu em uma espécie de “exílio interno”, em Assunção.

A palavra exílio, que remete ao significado cunhado na Grécia clássica com o sentido de “desterro” (GAERTNER: 2007), sofreu muitas redefinições terminológicas e conceituais para denominar e explicar as razões que levam uma pessoa a sair de sua terra de origem. O termo faz referência à “prática autoritária” de expulsar pessoas por diferentes motivos (SOUSA E SILVA, 2015) e está registrado em diversos textos ancestrais (SZNAJDER; RONIGER, 2009).

Com o passar do tempo e principalmente após a Segunda Guerra Mundial – que provocou um movimento populacional ímpar –, a palavra “exílio” sofreu muitas ressignificações que seguiam a formulação de novos vocábulos para os diferentes tipos de expulsos (refugiados, apátridas, emigrantes, exilados políticos, deslocados, etc.), segundo as causas de sua expulsão (políticas, socioeconômicas, religiosas, étnicas, ambientais, etc.).

Mas a identidade assumida pelo indivíduo que se encontra fora de seu país – imigrante, exilado, refugiado, estrangeiro, etc. – também implica na adoção de determinadas estratégias de inserção no meio receptor e de contato com o seu lugar de origem. Em vista disso, é necessário considerar não apenas as circunstâncias objetivas do exílio, mas também as estratégias subjetivas dos autoidentificados como exilados,

⁸ Após a queda do presidente argentino Juan Domingo Perón em 1955, González passou a denunciá-lo como o ideólogo do golpe de Estado que o tinha tirado da presidência do Paraguai. Para o ex-presidente paraguaio, o seu par argentino tinha se aliado aos adversários locais (chavistas e comunistas) para tirá-lo da presidência (QUINTEROS, M. C. e SUÁREZ, C.).

como no caso de Juan Natalicio González e Víctor Morínigo.⁹ Por esta razão, a correspondência entre ambos no final de suas vidas constitui uma fonte de pesquisa inigualável para identificar e analisar essas práticas subjetivas.

As cartas compreendem o período em que González permaneceu no México, enquanto Morínigo transitou pela Argentina, Peru, Venezuela e Itália. Foram quinze anos de trocas periódicas em que os dois amigos explicitavam a necessidade de se manterem informados do que acontecia no Paraguai, mas a escrita epistolar também era um mecanismo de diminuir os sentimentos de “isolamento” e “saudades”. Essa troca era feita com um rigoroso cuidado, para evitar que as cartas caíssem em mãos “equivocadas”, refletindo uma preocupação obsessiva com a possibilidade das mesmas se extraviarem.¹⁰

O sigilo refletia a preocupação com a possibilidade de estarem sendo vigiados pelos “tentáculos” do Estado paraguaio, nas mãos de adversários políticos – primeiro Chaves e, depois, Stroessner –, agindo dentro e fora das fronteiras do Paraguai, independentemente de serem exilados ou representantes diplomáticos desse mesmo Estado.¹¹

Conhecendo o acidentado percurso da documentação consultada, é válido inferir que ela não está completa; ainda assim, o conjunto de 135 cartas (120 escritas por Morínigo e 15 por González) permite fazer uma análise da relação entre os dois

⁹ Stuart Hall (2006) considera que um sujeito pode assumir identidades diferentes em momentos diferentes (ao que caberia agregar, “lugares diferentes”), que não necessariamente conformam um “eu” coerente, brindando a ideia de um indivíduo fragmentado. Porém, a pessoa consegue reelaborar, reordenar e transformar diferentes identidades, hierarquizando-as, dando sentido e significado às vivências pessoais, mas também permitindo agir, ou não, nos contextos social, econômico, político e cultural que lhe rodeiam em cada fase de sua vida. Assim, é necessário considerar quais identidades foram assumidas por González e Morínigo enquanto permaneceram fora do Paraguai, porque isso contribui para explicar as estratégias de inserção na sociedade receptora, de diálogo com outros paraguaios, com o país de origem, etc.

¹⁰ Para prevenir o “extravio” da correspondência, ambos os escritores evitavam o uso do correio oficial do Paraguai e da Argentina, e recorriam a amigos ou parentes que viajassem aos respectivos destinos de González e de Morínigo. Para garantir que a carta tinha sido recebida, os dois amigos iniciavam cada missiva explicitando a carta à qual estavam respondendo, indicando as datas de envio e recebimento. In: Carta de JNG a VM de 27/01/1954. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3; Carta de VM a JNG, de 28/02/1958. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3.

¹¹ São muitas as menções à vigilância a que eram submetidos; mas, em 1964, com a autoridade indiscutível e consolidada do “Capo” – referindo-se a Stroessner – Morínigo achava que “nossas cartas são cuidadosamente controladas, e acreditamos que os longos braços de nossa gestapo podem nos seguir aonde formos”. In: Carta de VM a JNG de 30/12/1964. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v2_2.



escritores, bem como de suas avaliações sobre a política paraguaia.¹² O estilo da escrita revela a posição que cada um tinha no vínculo que os unia e qual era o papel que lhes correspondia dentro do partido e da política nacional.¹³

González fazia uso de uma linguagem que refletia afetividade e proximidade entre ambos, permitindo-se expressar sentimentos de carinho e reconhecimento para com Morínigo, “amigo incomparável, talvez o único que me resta”¹⁴. Porém, o estilo de González era mais reservado – ou menos “espontâneo” – que o de Morínigo. Quando este último escrevia ao primeiro, descrevia detalhadamente situações domésticas, sua saúde e a falta de recursos financeiros, assim como expunha sua impaciência por voltar ao Paraguai e recobrar o protagonismo do *Guión Rojo*. González se colocava na posição de líder, acalmando o amigo e dando as diretrizes de ações futuras. Com grande sutileza, aceitava, rejeitava e/ou aprovava as ideias do amigo.

A intimidade entre os dois facilita a leitura de como eles se viam perante cada governo em Assunção, o que estava diretamente vinculado a sua maior ou menor presença na vida partidária. Essas apreciações foram variando segundo o momento e a distância – física e política – que cada um deles mantinha em relação à capital. No primeiro momento, coincidindo com a presidência de Federico Chaves (1949-1954), os dois intelectuais permaneceram no exílio acusados de fraude e corrupção. No segundo momento, durante a primeira década do *stronismo* (1955-1963), cada um aceitou assumir uma embaixada no marco do “exílio dourado”. Por fim, as últimas missivas (1964-1965) deixam em evidência o desgaste e a desesperança de ambos em voltar ao cenário político nacional como protagonistas, tal como o haviam sido na década de 1940.

¹² Algumas cartas de González endereçadas a Morínigo são cópias datilografadas; outras, escritas de punho e letra por González, possivelmente, foram entregues por Morínigo para que o amigo as conservasse.

¹³ Além do estilo narrativo, havia preocupações diferentes em Morínigo e González expressas na extensão das cartas. Enquanto o primeiro escrevia uma média de 4 ou 5 folhas por missiva, o segundo era bem mais breve e concreto. Morínigo tinha urgência pelos detalhes para agir rapidamente na arena política; González preocupava-se com a produção intelectual que o catapultaria para a posteridade.

¹⁴ Carta de JNG a VM de 26/12/1956. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3.



O desterro

O intercâmbio de correspondência entre Morínigo e González começou um ano depois da abrupta saída do Paraguai, em 1949. Ambos partiram para a Argentina – destino obrigatório de boa parte dos exilados paraguaios da primeira metade do século XX, devido à proximidade geográfica e à facilidade para atravessar a fronteira de Assunção com a cidade argentina vizinha, Clorinda, localizada a somente quatro quilômetros de distância e separada apenas por correntes fluviais.¹⁵

Nesse ano, uma sucessão de mudanças tinha acontecido no Paraguai e na vida dos dois intelectuais. Após o golpe de 29/01/1949, o governo provisório paraguaio ficou nas mãos de Tomás Romero Pereira, que foi sucedido pelo colorado Federico Chaves, adversário histórico dos *guiones rojos* liderados por Morínigo e González. Desde a década de 1930, *guionistas* e “democratas” tinham tido encontros violentos para resolver suas diferenças partidárias; e 1949 foi apenas uma fase em que os derrotados foram os *guiones*.

Ao contrário da política externa de González, Chaves manteve uma excelente relação com o mandatário argentino Juan Domingo Perón (1946-1955), o que fez González supor que, perante o iminente pedido de extradição por delitos de corrupção, Perón atenderia favoravelmente. Por essa razão, em 1950, ele se deslocou de Buenos Aires para Montevideú, onde obteve a passagem e o visto para viajar ao México, lugar estrategicamente distante e cujo presidente, Miguel Alemán, era seu amigo e o recebera na condição de exilado, o que redundou em um tratamento diferenciado como ex-mandatário e uma ajuda financeira para sua permanência no país asteca (ASHWELL, 2004).

Entretanto, Morínigo preferiu permanecer em Clorinda, a partir de onde podia organizar seus incontáveis planos de ação, com vistas a recuperar o poder para os *guionistas*. A proximidade com Assunção permitia sua rápida execução, através de visitas furtivas à capital paraguaia, ao mesmo tempo em que se mantinha informado dos últimos acontecimentos. Em algumas ocasiões, suas cartas estão datadas de Buenos Aires – para onde, segundo ele, teria sido levado à força pelas autoridades argentinas

¹⁵ Clorinda está situada sobre o rio Pilcomayo, pouco antes de suas águas desembocarem no rio Paraguai.

para evitar suas atividades clandestinas na fronteira.¹⁶ Deste primeiro momento, há 19 cartas de Morínigo e apenas três de González.

Na primeira delas, de junho de 1950, Morínigo anunciava o início de um novo ciclo, no qual ele próprio seria o responsável por uma campanha panfletária contrária a Chaves e pela criação de um jornal no exílio, enquanto González, no México, iniciava uma nova coleção publicada por sua editora, *Guarania*, a “Biblioteca Colorada”, com o objetivo de contar a “verdadeira” história do Partido Colorado. Essa primeira carta assentava as bases das atividades de ambos no exílio: denunciar os que “tinham abandonado definitivamente [a bandeira do coloradismo] com a traição e a perseguição de correligionários” e trabalhar pela “unificação do nacionalismo paraguaio”.¹⁷

Esta foi a tônica das cartas de Morínigo até a queda de Federico Chaves, em 04/05/1954: apresentar “planos de ação” e “informes da situação política no Paraguai”. Morínigo oferecia detalhes sobre o material que escrevia, imprimia e distribuía tanto no Paraguai quanto na Argentina, ao mesmo tempo em que oferecia uma nova estratégia para interferir nos destinos da ANR a cada carta enviada a González.¹⁸

Alguns temas se reiteram até a obsessão nas cartas de Morínigo, tais como associar Chaves ao comunismo, como uma forma de deslegitimação; sua preocupação com a estreita colaboração entre Chaves e Perón que, segundo ele, permitia que os paraguaios de Clorinda ficassem sujeitos a todo tipo de arbitrariedades por parte da

¹⁶ Em janeiro de 1951, Morínigo contava estar “internado” e “confinado” em Buenos Aires a pedido do governo paraguaio. A situação teria sido revertida graças à intervenção de Higinio Morínigo em julho do mesmo ano. Ver: Cartas de VM a JNG de 10/01/1951 e de 31/07/1951. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_2. Em 1953, Morínigo relatava que as forças da Gendarmeria argentina inspecionaram sua casa em Clorinda, sequestrando seu arquivo e documentos de identidade, impedindo seu deslocamento e confinando-o em sua residência. Ver: Carta de Maggie, esposa de VM, a JNG de 06/10/1953; Carta de VM a JNG de 19/12/1953 e de 03/02/1954. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_2.

¹⁷ Carta de VM a JNG de 26/06/1950. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_1.

¹⁸ Além das cartas, a documentação preservada pela Universidade de Kansas contém parte dos panfletos, bem como os artigos jornalísticos escritos por Víctor Morínigo durante este período. Eles compõem um conjunto de escritos propagandísticos favoráveis ao *Guión Rojo* e de desprestígio dos democratas. Entre as estratégias, era válido não apenas dar a conhecer os logros do governo de González e tentar intervir na vida partidária, como também contribuir para a difamação dos adversários partidários e extrapartidários, imprimindo panfletos em seu nome: “Acredito que a campanha panfletária em forma de informativos numerados já tem saturado o nosso ambiente. Realizarei essa mesma campanha a partir de hoje, de outra forma. A atribuirei a liberais, franquistas e comunistas, segundo a conveniência”. In: Carta de VM a JNG de 09/07/1951. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_2.



polícia argentina; e recuperar a imagem de González como único líder – *tendotá* – partidário e do país.¹⁹

Entretanto, as cartas de González deste período correspondem apenas a 1953 e 1954. Nelas, aparece um intelectual ciente de seu distanciamento de Assunção e de uma trajetória intelectual já encaminhada no México.²⁰ Seu interesse se centrava em retribuir a amizade de Morínigo, agradecendo o trabalho do amigo e “reclamando” por não cumprir com a periodicidade na escrita epistolar; em enviar e solicitar bibliografia; assim como em manifestar a superioridade cultural do Paraguai, uma forma de expressar as saudades que sentia no seu “distante retiro mexicano”.²¹

Porém, apesar da cautela de González em relação aos planos de Morínigo, em janeiro de 1954, atrevia-se a afirmar que aqueles “eram momentos decisivos para a causa que defendemos” e propunha um retorno gradual dos desterrados para “evitar reacender o medo que sentem por nós”.²² Ao mesmo tempo, advertia o amigo para não tratar, nas cartas, de alguns temas delicados até poderem contar com uma via segura de comunicação.

Contudo, os vaticínios – que não eram mais do que uma expressão de desejos – dos dois amigos só se cumpriram parcialmente: Chaves foi expulso do governo, mas isso não se traduziu no regresso dos *guiones* exilados e muito menos na recuperação do poder. Novos protagonistas tinham surgido, para ficar, no cenário nacional. As Forças Armadas já tinham participado no governo e intervieram em diversas guerras civis e golpes de Estado. O então promissor e jovem general Alfredo Stroessner teve participação direta na queda de Chaves e se mostrou um exímio jogador que soube lidar

¹⁹ Em abril de 1951, Morínigo acreditava na iminente queda de Chaves, considerando que era o momento propício para a “ação direta” e para que “o mito de Tendotá” sobrevivesse, já que “o mito regressará a sua hora. Após a tempestade, todas as coisas voltam com novo fulgor”. A palavra *tendotá* é de origem guarani e significa líder ou chefe; embora para alguns adversários de González era o equivalente de *führer*. Com essa denominação, tinha sido feita a campanha presidencial de González em 1948. Ver: Carta de VM a JNG de 04/04/1951. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_1. Entre 1951 e 1953, Morínigo propunha a escrita de uma autobiografia, realizava a correção da biografia de González (escrita pelo salvadorenho Gilberto González y Contreras) e aconselhava a distribuição gratuita dos últimos livros publicados pelo amigo no México, entre outras atividades.

²⁰ González manteve sua editora *Guarania*, publicando simultaneamente em Buenos Aires e México DF. Ao mesmo tempo, tinha conseguido publicar diversos artigos em revistas locais, o que o destacava não somente como intelectual paraguaio, mas também como especialista em cultura guarani.

²¹ Carta de JNG a VM de 09/06/1953. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3.

²² Carta de JNG a VM de 27/01/1954. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3.



com seus adversários dentro do coloradismo, mantendo-os longe do país e dando início a uma nova etapa na história do Paraguai.

O exílio dourado

Uma das características do *stronismo* foi sua longevidade e diversos cientistas sociais têm tentado explicar suas causas. Andrew Nickson (2014) as sintetizou em cinco: uma fachada democrática, um eficiente sistema repressivo, a corrupção institucionalizada, o uso de uma ideologia nacionalista e o apoio norte-americano. Outros autores, como Neri Farina (s/d), salientam o poder da aliança entre exército, partido e governo. Porém, esses balanços historiográficos foram feitos a partir do resultado final do regime, colocando o acento em seu carácter autoritário e deixando de lado o fato de que tais elementos não foram característicos apenas do *stronismo*, sendo possível identificá-los, com intensidades diferentes, nos governos anteriores.

Observando detalhadamente a longa temporalidade do *stronismo*, houve profundas mudanças e tensões com as quais o governo teve que se confrontar permanentemente. Embora o regime tenha continuado com as práticas autoritárias anteriores a ele, o que o sustentou foi sua capacidade de “resolução” das divergências com os adversários e a dose calculada da violência política, que garantiu a eficácia de uma cultura do medo e de autocensura (SOLER; QUINTEROS, 2017). O estudo das cartas trocadas entre Morínigo e González permite visualizar, em parte, as capilaridades do poder durante a primeira década do regime.

Neste período, o Partido Colorado foi uma das frentes opositoras mais difíceis que Stroessner teve que enfrentar. Para sustentar seu governo, ele foi redefinindo constantemente seu relacionamento com os diversos setores de poder e um deles era as lideranças partidárias. Assim, no início de seu governo, mostrou-se um grande estrategista, convocando a reconciliação dos colorados, em 25/10/1955, o que não foi mais do que um pacto de não agressão entre *guiones* e democratas, cedendo espaço à nova etapa do “coloradismo com Stroessner” (NERI FARINA, 2011, p. 106).²³ Nesse

²³ O reencontro foi registrado e documentado fotograficamente por Leandro Prieto Yegros (s/d). A reunião não contou com a presença física de González, mas ele esteve representado por Morínigo. Em 1956, foi eleita a nova Junta de Governo do partido, com membros de ambas as linhas.

clima de “tensa paz” – em harmonia com o contexto internacional de Guerra Fria – o novo mandatário paraguaio soube administrar a tensão com os “inimigos” e os “adversários” do regime. Enquanto os primeiros não eram tolerados – o que se traduzia em sua perseguição, prisão e/ou expulsão do país –, com os segundos foi necessária uma permanente renegociação para manter certo “consenso” no marco do *stronismo*.

Algumas lideranças, como González e Morínigo, já estavam fora do país em 1954, mas pressionavam por voltar. Outras, de grande peso político, como Epifanio Méndez Fleitas e o ex-presidente Federico Chaves, foram enviadas ao exterior em missões culturais ou diplomáticas.²⁴ Entretanto, o Congresso, que tinha sido poupado, para manter a aparência democrática do *stronismo*, foi dissolvido em 12/03/1959 como resposta à “ousadia” dos dirigentes colorados que apresentaram a “Nota dos 17”, na qual solicitavam o levantamento do estado de sítio, uma lei de anistia geral e a liberdade de imprensa. Os 17 assinantes da nota partiram para o exílio e Stroessner eliminou o último vestígio de oposição interna do Partido Colorado. Alguns integrantes do Grupo dos 17 já tinham transitado por várias embaixadas.

A compensação do exílio com um cargo diplomático, prática intensamente empregada na primeira década do *stronismo*, foi sendo desestimulada a partir da segunda década, quando os quadros partidários renovados passaram a estar alinhados incondicionalmente a Stroessner. Para esta segunda década, os adversários estavam exilados e alguns entravam na reta final de suas vidas públicas. Para Alfredo Seiferheld, o triunfo político de Stroessner radicava nos erros de seus adversários políticos, “vítimas” que foram “convertidas em uma sorte de cúmplices de seus vitimários por obra do silêncio” (SEIFERHELD; TONE, 1988, p. 17).

Morínigo e González “aceitaram” sua nomeação como embaixadores do Paraguai. O primeiro foi designado sucessivamente para o Peru (1956-1959), para a

²⁴ O colorado Epifanio Méndez Fleitas adquiriu bastante protagonismo durante a presidência de Federico Chaves, a partir de seus cargos como Chefe da Polícia de Assunção e como diretor do Banco Central, assim como pela sua amizade com Perón. Como figura carismática, havia adquirido muita popularidade e era considerado o homem que poderia tirar Stroessner do poder se participasse em eleições presidenciais, porque personificava um “populismo ao estilo peronista”, segundo Flecha. Neri Farina afirma que Stroessner conseguiu isolá-lo de sua base de apoio militar e dentro do coloradismo. Com a queda de Perón em 1955, Chaves perdeu seu apoio internacional. No mesmo ano, Stroessner o destituiu de seu cargo no Banco Central e o enviou para Europa, numa “missão cultural” da qual nunca mais pode regressar ao Paraguai. Ver: FLECHA (2014, p. 235-236); NERI FARINA (2011, p. 108); SEIFERHELD e TONE (1988, p. 9).

Venezuela (1959-1960) e para a Itália (1960-1963); enquanto o segundo foi para o México, assumindo o cargo entre 1956 e 1965.²⁵ Em reiteradas oportunidades, os dois escritores expressaram um sentimento de pesar e de contrariedade por não poderem voltar ao Paraguai. Nos quinze anos de correspondência, dos quais restaram 85 cartas de Morínigo e 10 de González, Morínigo descreveu as diferentes estratégias do *stronismo* para manter seus adversários políticos longe do território paraguaio, evitando assim as constantes conspirações de paraguaios refugiados em Clorinda – como acontecera durante a presidência de Chaves.

A narrativa mais espontânea, menos medida, de Morínigo permite reconstruir esses mecanismos utilizados por Stroessner: nomeação dos adversários como embaixadores em países não limítrofes; atraso no pagamento dos salários; não pagamento de passagens e de diárias de viagens; espionagem interna nas embaixadas; difusão de boatos, como possíveis translados dos embaixadores; esperas prolongadas nos países de trânsito até a efetiva nomeação no lugar de destino – a espera não podia ser feita no Paraguai, sendo “aconselhados” a abandonar o país; superposição de embaixadores numa mesma embaixada e momento; não envio de passagens de retorno para o Paraguai quando finalizada a função diplomática, entre outros.

Embora a correspondência entre Morínigo e González ofereça variedade e riqueza de temas, aqui se deu preferência à percepção que eles expressaram em relação ao “exílio remunerado” – nas palavras de González – ou “exílio dourado”, segundo a historiografia paraguaia. A personalidade diferente de cada um destes intelectuais os levou a reações distintas. Mais impetuoso e favorável à “ação”, Morínigo se opunha à “humilhação” de ser confinado a uma embaixada.²⁶ Pelo contrário, González, mais reflexivo e no papel de ex-presidente, apelava para a conciliação. Assim, por exemplo, diante da ideia de Morínigo de pedir sua demissão da embaixada no Peru, González o aconselhou a continuar em Lima, “porque essa nossa ausência é o melhor serviço que podemos dar agora à nossa causa”.²⁷

²⁵ A nomeação de ambos os escritores em 1956 – como a de outros intelectuais indicados como diplomatas – coincide com a gestão do ministro das Relações Exteriores, o advogado Raúl Sapena Pastor, o qual se manteve no cargo durante duas décadas (1956-1976) e foi o responsável pela sistematização do envio de adversários partidários a embaixadas distantes das fronteiras nacionais.

²⁶ Carta de VM a JNG de 05/12/1956. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3.

²⁷ Carta de JNG a VM de 03/09/1957. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3. Dois anos depois, Morínigo era da opinião de que não “há outro caminho exceto renunciar a nossas embaixadas.



O ex-presidente paraguaio reivindicou a condição de exilado até sua morte, apesar de continuar no cargo de embaixador. Após 1954, passou a responsabilizar a Federico Chaves e seu aliado argentino, Juan Domingo Perón, pela sua saída do Paraguai. Mas, entendia que, naquele momento, dadas as “circunstâncias”, sua melhor contribuição e estratégia era o silêncio: “Hoje me calo, e penso manter meu mutismo enquanto não me firam”, pelo bem do partido e do país.²⁸

O exílio era visto a partir de dois aspectos: a vida longe da terra natal, por um lado, e a ausência da cena política paraguaia, por outro. Se González era obrigado a permanecer no México, tinha consciência da progressiva perda de espaço político na vida nacional. No entanto, ao reter o *status* de embaixador e ex-presidente, mantinha vivo seu prestígio no país. O ex-presidente paraguaio insistia em manter um perfil discreto, afirmando que “não era o momento de agir; pelo contrário, era hora de estudar, analisar e incubar”.²⁹

Ele referia-se de diferentes maneiras a seu exílio, sempre com certa nostalgia e ironia: “esta minha solidão mexicana”, “minha tumultuosa solidão americana”, “desterro assalariado”, “meditativa solidão”. E falava metaforicamente sobre os motivos que Stroessner teria para mantê-lo distante do Paraguai: “O alemão é tão desconfiado quanto um galo zoroalho. Ele não tem antipatia da gente: o que ele tem é medo de nós”.³⁰

Das cartas de González, depreende-se que ele só regressou ao Paraguai em 1956 para sua nomeação como embaixador no México. Ao que parece, pelo conteúdo das missivas, ele tinha liberdade para viajar para outras nações, exceto para o Paraguai e seus países limítrofes. A verborragia de Morínigo completa este quadro, detalhando como operavam as autoridades assuncenas para mantê-los longe da capital.³¹

Espero tua decisão para fazê-lo”. In: Carta de VM a JNG de 31/05/1959. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v2_1. O arquivo não possui a resposta de JNG, mas pouco mais de uma semana depois, Morínigo respondia que já tinha superado a crise e que “como sempre, estamos de acordo”. In: Carta de VM a JNG de 08/06/1959. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v2_1.

²⁸ Carta de JNG a VM de 26/12/1956. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3.

²⁹ Carta de JNG a VM de 14/04/1957. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3.

³⁰ Carta de JNG a VM de 02/08/1960. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v2_2.

³¹ Em 1958, Morínigo apresentou sua renúncia, que foi rejeitada pelas autoridades em Assunção; em 1959, ao manifestar novamente a vontade de renunciar, o ex-presidente Romero Pereira o aconselhou a aceitar a embaixada mais distante; em julho do mesmo ano, acabou aceitando a embaixada na Venezuela, a que não pôde assumir dadas as resistências de manifestantes em Caracas – ainda assim, foi obrigado a permanecer alguns meses naquele país; em 1960, nomeado embaixador em Roma, foi convidado a abandonar o Paraguai e a esperar em um país de trânsito que não fosse a Argentina. Em 1961, Morínigo informava concretamente que González estava proibido de regressar ao Paraguai; e em 1963, expressava

Mas, as posições diferenciadas entre Morínigo e González em relação ao *stronismo* não têm a ver apenas com personalidades díspares. A insistência do segundo para não conspirar contra Stroessner perante os sucessivos “planos de ação” do primeiro sugerem a existência de um acordo tácito entre González e Stroessner que garantia ao ex-presidente sua permanência no México e o pontual pagamento de seu salário; como contrapartida, o *stronismo* se assegurava do silêncio e do amordaçamento de prováveis tentativas conspirativas idealizadas por Morínigo, ao mesmo tempo em que exigia que os diplomatas defendessem o *stronismo* como um governo democrático.

Porém, apoiar Stroessner trazia sérias contradições e o distanciamento de antigos aliados latino-americanos. Como embaixadores, os intelectuais paraguaios tinham a missão de “limpar” a imagem do governo *stronista*, acusado de ditatorial e repressor.³² Oficialmente, Morínigo e González defendiam o governo paraguaio aludindo ter sido este eleito democraticamente. Extraoficialmente, ambos apresentavam-se como diplomatas colorados não *stronistas*.³³ Nas missivas, o ex-presidente paraguaio enumerava suas recomendações para reverter a má imagem do governo paraguaio: levantar o estado de sítio, revogar a Lei de Defesa do Estado e convocar uma Assembleia Constituinte.³⁴

Após uma década de Stroessner no poder, os “planos de ação” e os “informes da situação” no Paraguai iam se diluindo em trocas bibliográficas e na tomada de consciência do envelhecimento de ambos os intelectuais. Se o Paraguai parecia cada vez mais distante, a possibilidade de recuperar o protagonismo político era cada vez mais

pesar por não poder viajar a Assunção onde sua esposa agonizava. Ver: Carta de VM a JNG de 24/04/1958; 16/03/1959; 30/07/1959; 29/10/1959; 16/12/1959; 03/07/1960; 25/07/1960; 27/04/1961; 21/01/1963. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_2. e MSE 192v2_2.

³² Morínigo contava em suas missivas o progressivo distanciamento de membros do *aprimismo*, enquanto esteve no Peru, em particular, de Luis Alberto Sánchez, com quem tinham mantido uma longa cooperação intelectual desde a década de 1930, quando se conheceram em Buenos Aires e participaram ativamente nas reuniões da Força de Orientação Radical da Jovem Argentina (FORJA). Quando Sánchez foi expulso do Peru, recebeu asilo político no Paraguai, enquanto González era presidente do país. In: Carta de VM a JNG de 05/03/1958. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_2.

³³ Carta de JNG a VM de 05/08/1959. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v2_1. As dificuldades enfrentadas por González para defender Stroessner se evidenciam nas entrevistas jornalísticas. Em 1960, era entrevistado por Fernando Revuelta que, em um “trocadilho” de perguntas, fez González admitir que o mesmo partido, Colorado, que o derrocou, era o que apoiava Stroessner. Porém, González reforçava em cada resposta que Stroessner era “um democrata querido e respeitado”. In: REVUELTA, Fernando. *Con sus propias palabras*. Recorte de artigo jornalístico, de 19/06/1960. In: Arquivo do Ministério das Relações Exteriores do Paraguai (AMREP). Direção Política e Diplomática (DPD), vol. 196.

³⁴ Carta de JNG a VM de 23/03/1960. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v2_1.



remota. Uma das causas identificadas era a renovação geracional – com falta de aliados entre os novos filiados ao coloradismo.

Envelhecimento e esquecimento

Em 1963, Morínigo renunciou a seu cargo de embaixador na Itália com a intenção de voltar ao Paraguai para acompanhar a doença de sua esposa. Entre janeiro e abril daquele ano, detalhou os obstáculos pelos quais teria atravessado para lograr chegar à América do Sul, dando conta da tomada de consciência de ter, ainda, uns “dez anos de vida útil”. Com isso, propunha deixar o legado dos *guionistas* para as próximas gerações de colorados, assumindo sua organização e formação.³⁵ Porém, a partir de 1964, estando em Assunção, e até a última carta (no total, neste período, escreveu 16), passou a manifestar seu desagrado com as autoridades governamentais e partidárias; mas também com relação aos jovens, os quais, em sua visão, demonstravam excessiva autonomia e nenhuma consideração pelos antigos líderes, como ele próprio.

Entretanto, González, que continuava no México e de quem foram preservadas somente duas cartas desta fase, deixava transparecer o desejo de que o governo Stroessner chegasse ao fim; mas, ao mesmo tempo, parecia entender, melhor que seu amigo, que as regras do jogo político tinham mudado e que os *guiones rojos* estavam definitivamente “ausentes” desse jogo. Contrário às conspirações e favorável a dar apoio condicionado a Stroessner, González argumentava:

La eliminación de Stroessner, en un momento en que el comunismo cuenta con un apoyo internacional poderosísimo, y en que en el coloradismo proliferan ambiciosos incultos y sin ideas, sin envergadura de estadistas, provocaría una crisis más grave que la que estalló a raíz de mi eliminación de la presidencia.

Stroessner a mí me odia profundamente, y probablemente a ti también, pero eso no cuenta. Lo que nos interesa es el Paraguay y no nosotros. Sobre estas realidades hay que esbozar una política constructiva.³⁶

Entre as condições, figuravam recuperar a presidência do Partido Colorado e a implementação de mudanças na agricultura e na vida dos camponeses. Esta última

³⁵ Carta de VM a JNG de 13/04/1963. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v2_2.

³⁶ Carta de JNG a VM de 14/01/1965. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v2_2.



preocupação era uma questão cara a González, não só para preservar seu prestígio eleitoral diante de uma “possível” volta ao jogo político, mas também para “modernizar” o país, com a inclusão desses setores ao mercado, e para construir a imagem de intelectual e político comprometido com as camadas sociais mais desfavorecidas.

Mas o que mobilizava os dois amigos nesta última etapa era a necessidade de envelhecer em seu país. Morínigo logrou completar um ano morando em Assunção (1964) e, após alguns meses na Argentina, regressou uma vez mais para o Paraguai, em 1965. Este ir e voltar ao Paraguai seria a dinâmica até seu falecimento em 1981. Por sua parte, González deixou o cargo de embaixador em 1965 e, no ano seguinte, quando se dispunha voltar a seu país, faleceu.

Não há registro nas cartas sobre como se deu essa relativa abertura por parte do regime, que teria “permitido” o regresso dos dois escritores ao Paraguai. Entretanto, o desenlace das vidas destes dois intelectuais sugere que tenha sido uma abertura “ilusória”. Alguns autores assinalam o boato de que González, na verdade, não teria falecido por causas naturais (FRENCH, 2015), enquanto que a sorte de Morínigo – apesar de ter sobrevivido 15 anos ao amigo – não foi melhor. Após perder a esposa, ficou sem bens, sem salário e sem aliados. Os poucos amigos que teriam lhe restado não tiveram coragem de visitá-lo no hospital, perante o temor de “represálias” por parte do governo (VALIENTE *apud* MORÍNIGO, 2004).

Algumas considerações finais

O golpe de Estado de 29/01/1949 levou ao exílio Juan Natalicio González e Víctor Morínigo, que tinham se convertido nas principais figuras do Partido Colorado e da política nacional durante a década de 1940. Ambos já tinham vivido no desterro, mas não imaginavam que, após 1949, viveriam seu último e mais longo exílio, o que viabilizou a verbalização de suas percepções sobre o mesmo através da correspondência.

Durante a presidência de Federico Chaves, eles viram seu desterro como uma situação passageira que poderiam reverter por meio de ações clandestinas, cujo objetivo



era a deslegitimação dos chavistas, tanto dentro do partido quanto no governo. Contrariamente ao esperado, eles sofreram represálias: Morínigo foi vigiado pelas autoridades argentinas, enquanto González precisou se radicar no México. A concretização do desejo de ver Chaves sendo derrubado por um golpe de Estado demorou cinco anos, evidenciando que o exílio estava longe de ser revertido no curto prazo. A escrita das missivas, neste primeiro momento, foi uma via de comunicação íntima entre os dois intelectuais para projetar e decidir diferentes mecanismos que garantissem tanto a queda de Chaves quanto o retorno dos *guionistas*. Porém, ao longo dos cinco anos do governo chavista, essa escrita atravessou vários matizes, que foram da euforia ao desencanto com o resultado negativo de todas as empreitadas.

A chegada de Alfredo Stroessner ao poder não se traduziu no regresso ao Paraguai, mas mudou o *status* do exílio. Convocados a uma trégua nacional, *guionistas* e chavistas aceitaram apoiar o novo governo. As condições impostas pelo “exílio dourado” foram parte deste acordo. Nas missivas, ambos os escritores registraram sua rejeição a representar oficialmente um governo que os mantinha coercitivamente longe do Paraguai. Enxergavam a si mesmos como exilados, apesar de ocuparem cargos diplomáticos. Os “planos de ação” de Morínigo para recuperar o protagonismo na cena política nacional não desapareceram de sua escrita de si, mas diminuíram em quantidade e intensidade. González assumiu claramente o papel de liderança na relação entre ambos ao conter o amigo e insistir na importância de se limitar apenas à atividade intelectual, deixando de lado os planos conspiratórios contra Stroessner. A possibilidade de um acordo verbal entre Stroessner e González é muito plausível na medida em que essa situação resultou conveniente para os dois.

O desejo por um retorno ao Paraguai não desapareceu da escrita entre Morínigo e González, mas se diluiu como prova do crescente distanciamento do Paraguai. Após quase uma década de exílio dourado, os dois intelectuais davam-se conta de seu isolamento em relação à política paraguaia e, também, a alguns circuitos intelectuais latino-americanos que os denunciavam como representantes de um governo ditatorial.

Finalmente, as últimas cartas refletem a decepção, o cansaço, as mágoas, mas principalmente a conscientização da proximidade do ocaso de suas vidas. Se González evidenciava maior consciência de seu afastamento definitivo da cena política nacional, ambos deixaram transluzir as ânsias de passarem esse ocaso em seu país natal.



As missivas entre os dois intelectuais têm uma riqueza que permitiria múltiplas análises. Porém, o tema do exílio se impôs pela sua particularidade durante o *stronismo*. O “exílio remunerado” foi uma variante propriamente paraguaia que, já tendo sido aplicado na primeira metade do século XX, no governo *stronista* foi ampliado e sistematizado. Assim, a nomeação dos adversários como representantes do *stronismo* garantia, nos termos propostos por Seiferheld, tanto o silenciamento quanto a cumplicidade dos “exilados”.

O que diferenciava estes exilados de Stroessner não eram questões ideológicas, mas as condições reais de se manter no poder. Enquanto González e Morínigo tinham fracassado em 1949, Stroessner se mostrou um exímio jogador para afastar seus adversários de Assunção. A violência necessária para caracterizar a situação dos dois *guionistas* como exilados se dava pelo impedimento constante de voltarem ao Paraguai, mas também pela obrigatoriedade de assumirem a defesa pública do *stronismo* enquanto representantes oficiais desse governo.

O uso do termo “exílio” justifica-se pela identidade construída pelos dois escritores ao longo dos 15 anos de escrita epistolar. Por se tratar de uma escrita mais íntima, cada um dos amigos se permitiu uma narrativa mais fluida e de confiança no destinatário, colocando em relevo um genuíno sentimento de exclusão forçada do país. O ostracismo expressado em primeira pessoa, ao permitir a construção dessa identidade de exilado, garantia uma inserção diferenciada nos países receptores, mas também justificava sua ausência física no Paraguai.

Referências Bibliográficas

- ADEP. *Representantes Diplomáticos Paraguayos*. Nómina de los Jefes de Misiones Diplomáticas de la República del Paraguay, 1842-2011. Assunção: ADEP, 2011.
- ASHWELL, Washington. J. Natalicio González en el Pensamiento de la Patria. In: *EL HOMENAJE a J. Natalicio González largamente esperado*. Assunção: Cuadernos Republicanos, 2004.
- COLMÁN GUTIÉRREZ, Andrés. *La oposición tolerada y la perseguida*. Assunção: El Lector; ABC Color, 2014.
- ENRÍQUEZ GAMÓN, Efraín. *La guerra inconclusa*. Esquema para una ideología nacional. Assunção: Litocolor, 1982.



- ENTREVISTA com Efraím Enríquez Gamón, por M. C. Quinteros, Assunção, 2015.
- ENTREVISTA com Washington Ashwell, por L. F. V. Moreira. Assunção, 2012.
- FLECHA, Victor Jacinto. *Texto y Contexto. Breve Historia del Paraguay (1811-2011)*. Assunção: Servilibro, 2014.
- FRENCH, Jennifer L. Traumatismo y la nación telúrica: La raíz errante de J. Natalicio González. In: CASAL, J. M.; WHIGHAM, T. *Actas de las IV Jornadas Internacionales de Historia del Paraguay en la Universidad de Montevideo*. Assunção: Tiempo de Historia/Universidad de Montevideo, Facultad de Humanidades, 2015.
- GAERTNER, Jan Felix (Ed.). *Writing Exile: the discourse of displacement in Greco-Roman antiquity and beyond*. Leiden/Boston: Brill, 2007.
- GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- GÓMEZ FLORENTÍN, C. *La guerra civil*. Assunção: El Lector, 2013 (Col. Guerras y Violencia Política en el Paraguay, 12).
- GONZÁLEZ, Natalicio. *Vida y Pasión de una ideología*. (Prólogo de Víctor Morínigo). Assunção: Napa, 1982.
- GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. J. *Natalicio González, Descubridor Del Paraguay*. Assunção: Guaranía, 1951.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª edição, Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MOREIRA, L. F. V. La intelectualidad paraguaya durante la primera mitad del siglo XX: un debate identitario. *Estudios Paraguayos*, Assunção, v. XXVIII, n. 1-2, p. 349-375, Dez. 2010.
- MOREIRA, L. F. V.; QUINTEROS, M. C. A Difusão e Consolidação da Interpretação Revisionista da Guerra do Paraguai na América Latina. In: SQUINELO, Ana Paula (Org.). *150 anos após – A Guerra do Paraguai: Entrelhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai*. Campo Grande: EUFMS, 2016a.
- _____. *As Revoluções na América Latina Contemporânea*. Maringá: UEM-PGH-História, 2016b.
- MORÍNIGO, Víctor. *Ensayos y escritos*. Assunção: Gráfica Color, 2004.
- NERI FARINA, Bernardo. *El Último Supremo*. Assunção: El Lector, s/d.
- _____. *El Partido Colorado y la Dictadura de Stroessner*. Assunção: Occidente, 2011. (Coleção Páginas de Nuestra Historia, 1811-2011, v.10).
- NICKSON, Andrew. *La Guerra Fría y el Paraguay*. Assunção: El Lector; ABC Color, 2014.
- PRIETO YEGROS, Leandro. *El Reencuentro Partidario del Coloradismo*. 27 de Octubre de 1955. Assunção: Cuadernos Republicanos, s/d.
- QUINTEROS, Marcela C. Juan Natalicio González: um intelectual plural. Tese de doutorado. São Paulo. USP, 2016.

QUINTEROS, Marcela C.; SUÁREZ MORALES, C. Estrategias de lucha del antiperonismo latino-americano: Juan Natalicio González y Germán Arciniegas. In: BERTONHA, J. F.; BOHOSLAVSKY, E. *Circule por la derecha*. Percepciones, redes y contactos entre las derechas sudamericanas, 1917-1973. Los Polvorines: UNGS, 2016.

SEIFERHELD, A.; TONE, J. L. *El asilo a Perón y la caída de Epifanio Méndez*. Una visión documental norteamericana. Assunção: Histórica, 1988.

SOLER, L.; QUINTEROS, M. C. O stonismo: uma gestão autoritária bem-sucedida. In: QUINTEROS, M. C.; MOREIRA, L. F. V. *As Revoluções na América Latina Contemporânea*. Entre o ciclo revolucionário e as democracias restringidas. Maringá/Medellín: UEM-PGH-História/Pulso & Letra, 2017.

SOUSA E SILVA, A. A filmografia de Miguel Littin entre o exílio e a clandestinidade (1973-1990). Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 2015.

SZNAJDER, M.; RONIGER, L. *The Politics of Exile in Latin America*. New York: Cambridge University Press, 2009.

